

## ***Entrevista Reflexiva & Grounded-Theory: Estratégias Metodológicas para Compreensão da Resiliência em Famílias***

**Maria Angela Mattar Yunes<sup>1 2</sup>**

*Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil*

**Heloísa Szymanski**

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil*

### **Resumo**

O estudo do fenômeno da resiliência em famílias é um domínio da Psicologia que requer investigações do ponto de vista conceitual e metodológico. O presente trabalho apresenta uma reflexão crítica sobre pesquisas quantitativas acerca da resiliência individual e considera que a complexidade do construto sugere novas metodologias para o estudo do fenômeno em famílias. Como possível solução metodológica, propomos a associação de duas estratégias qualitativas: a entrevista reflexiva e a *grounded-theory*. A entrevista reflexiva é um método dinâmico e interativo para obtenção de informações e a *grounded-theory* apresenta princípios de análise que complementam e subsidiam este tipo de coleta, permitindo que os conceitos emergam dos próprios dados e não sejam impostos por eles.

*Palavras-chave:* Resiliência (Psicologia); família; experimentação.

### **Reflexive Interview & Grounded-Theory: Methodological Strategies to Comprehend Resilience in Families**

### **Abstract**

The study of the phenomenon of resilience in families is a new domain in Psychology and therefore requires further investigation, either from the conceptual or methodological point of view. The present article presents a critical think about the quantitative studies on resilience in individuals and considers that the complexity of this construct suggests new methodologies to study the phenomenon in families. As a possible methodological solution we propose the association of two qualitative strategies: the reflexive interview and grounded-theory. The reflexive interview is an interactive and dynamic method to obtain information and the grounded-theory presents principles of analysis that complement and subside this type of collection allowing the concepts to emerge from the data rather than being imposed on it.

*Keywords:* Resilience (Psychological); family; experimentation.

O confronto científico com fenômenos ainda pouco explorados pode trazer questionamentos instigantes que exigem cautela e uma certa *delicadeza* metodológica por parte do investigador. Método é uma palavra de origem grega (*meta odon*), que significa *caminho para* (Massimi, 1998). Isso leva a pensar na multiplicidade de caminhos e escolhas do pesquisador diante de seu objeto de estudo. Nesta perspectiva, ao eleger a questão da resiliência como tema de pesquisa, muitos são os *nós* conceituais e metodológicos a serem desatados. A começar pelos conceituais, deve-se relevar que, no Brasil, a palavra resiliência e seus significados ainda soam como *ilustres desconhecidos* para a grande maioria das pessoas. Do ponto de vista semântico, segundo dois autores portugueses, Tavares e Albuquerque (1998), resiliência deriva do verbo latino *resilio* (*Re+salio*), com as seguintes acepções: “saltar para trás”, “voltar saltando”; “retirar-se sobre si mes-

mo”, “encolher”, reduzir-se”. Os mesmos autores afirmam que a palavra sugere uma idéia de flexibilidade/elasticidade própria, ou possível de ser ativada. Profissionais das áreas da Engenharia, da Física e até mesmo da Odontologia revelam certa familiaridade com essa palavra quando se refere à resistência de materiais. Silva Jr. (1972) afirma que a resiliência de um material, correspondente à determinada solicitação, é a energia de deformação máxima que ele (o material) é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes. Dito de uma outra maneira, a resiliência, neste caso, refere-se à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente.

Em Psicologia, a definição de resiliência não é tão clara nem tão precisa quanto na Física ou na Engenharia. Isso se deve à complexidade e multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dessa questão, quando aplicada a fenômenos humanos. Não há como comparar “alhos com bugalhos”, ou seja, comparar a resiliência de materiais com a resiliência enquanto processo psicológico, mesmo porque o conceito de *deformação* em Física e Psicologia é incomparável (Yunes & Szymanski, 2001). Além disso, a análise da terminologia

<sup>1</sup> Dirección: Rua General Portinho, no. 35/apto 802, 96200-210 - Rio Grande, RS, Brasil, E-mail: yunes@vetorial.net.

<sup>2</sup> Uma versão preliminar deste estudo foi parcialmente apresentado como comunicação oral no Congresso Interamericano de Psicologia, Santiago, Chile, de 29 de julho a 3 de agosto de 2002.

central (o próprio conceito em si) e afins, como estresse, competência,  *coping*, evidencia uma quantidade razoável de controvérsias e ambigüidades, desde os trabalhos pioneiros até os mais atuais (Cecconello, 2002; Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000; Masten, 2001; Masten & Garmezy, 1985; Rutter, 1985, 1987, 1993; Werner & Smith, 1982, 1992; Yunes, 2001). Esse fato tem sido apontado e discutido por diferentes estudiosos preocupados com a futura direção das investigações sobre o tema (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000; Martineau, 1999, 2000; Yunes & Szymansky, 2001). Deve-se levar em conta que a Psicologia apropriou-se de um conceito construído dentro de um modelo matemático e devemos ter muita cautela para não incorrer em comparações indevidas.

#### Os Estudos Quantitativos sobre Resiliência com Foco no Indivíduo

A maioria dos estudos sobre resiliência tem sido realizada numa abordagem quantitativa cujo foco é a criança, identificada como resiliente ou não a partir de testes psicométricos, notas na escola, testes de personalidade ou perfil de temperamento. Esse conjunto de características observáveis define o que alguns pesquisadores denominam *criança resiliente*. Tal tendência à caracterização (ou substantivação) da resiliência pelo uso de instrumentos de medida muitas vezes descrevem o fenômeno como uma *habilidade* (Zimmerman & Arunkumar, 1994) ou *capacidade universal* (Grothberg, 1995) de superar adversidades.

Reificar resiliência e, por extensão, reificar resiliência em determinada criança é negar que o fenômeno pode ser contingente/provisório, imprevisível e dinâmico (Martineau, 1999, 2000). Muito recentemente, importantes pesquisadores do assunto (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000) manifestaram-se a esse respeito defendendo uma posição mediadora, no sentido de enfatizar o caráter processual da questão. Segundo os autores, há uma “confusão” entre *processo versus traço* nos estudos, em decorrência do uso ocasional da expressão *criança resiliente* por pesquisadores que, na verdade, são adeptos da visão dinâmica da resiliência, ou seja, processual. Luthar, Cicchetti e Becker (2000) reiteram que a expressão *criança resiliente*, empregada por muitos autores, não se refere a atributos pessoais, mas sim à pressuposição de condições de resiliência, tais como: a) a presença de fatores de risco ao bem-estar da criança; e b) a adaptação positiva da criança apesar das adversidades.

Apesar de reconhecer a notável contribuição dos estudos estatísticos para a produção do conhecimento, cremos que a complexidade do fenômeno da resiliência pede mais do que o uso convencional de instrumentos quantificadores, que muitas vezes quantificam o “inquantificável” e desconsideram um grande número de

fatores que interferem entre o que ocorre numa situação natural e aquilo que é reportado na aplicação de instrumentos. Por exemplo, Reynolds (1998) desenvolveu um estudo longitudinal com crianças negras de baixa renda em escolas públicas de Chicago com o objetivo de investigar *resiliência escolar/acadêmica* e *resiliência social*. Os dados obtidos por esse estudioso resultaram numa *medida* total da resiliência das crianças. Apesar da seriedade dos critérios utilizados, das considerações feitas pelo próprio autor sobre as dificuldades conceituais e metodológicas concernentes ao fenômeno, bem como o reconhecimento das limitações do estudo, os resultados “alocaram” as crianças em grupos *resilientes* e *não-resilientes*. Nesses casos, é preocupante o resultado das interpretações que pode advir dessa classificação no contexto escolar, que, além de generalizador, pode ser inconsistente. Parece estar claro que uma profunda reavaliação (ou “revolução”) dos modelos metodológicos utilizados nos estudos estatísticos de resiliência no indivíduo seja necessária.

#### Os Estudos sobre Resiliência em Famílias

Embora a literatura sobre a resiliência na criança seja consideravelmente vasta, a resiliência em família é um construto relativamente novo, que traz consigo uma ênfase *salutogênica* (Antonovsky & Sourani, 1988), ou seja, foca os aspectos sadios e de sucesso do grupo familiar ao invés de remarcar desajustes e falhas. A pesquisa bibliográfica indica que um dos primeiros trabalhos específicos sobre o tema foi publicado por McCubbin e McCubbin (1988), acerca da tipologia de famílias resilientes. Os principais resultados convergiram para uma diversidade de “rótulos” ou tipos de famílias (por exemplo, vulnerável, segura, durável, regenerativa). Um primeiro ponto refere-se ao caráter classificatório dos resultados desta pesquisa, que, de alguma maneira, quantificam a resiliência, como sugerem as categorias acima mencionadas. Algumas famílias são vistas como *mais* e outras como *menos* resilientes. De qualquer forma, parece ter sido a partir desse momento que o potencial de pesquisas nesse campo passou a ser explorado e alguns autores (Hawley e DeHann, 1996; Walsh, 1996) preocuparam-se em esclarecer, conceituar, definir e propor novas perspectivas teóricas sobre a resiliência em famílias.

Segundo Froma Walsh (1996), “o foco da resiliência em família deve procurar identificar e implementar os processos chaves que possibilitam famílias, não só a lidar mais eficientemente com situações de crise ou estresse permanente, mas saírem fortalecidas das mesmas” (p. 263). Walsh (1998) organizou seu conhecimento nessa área e desenvolveu um quadro conceitual que apresenta três domínios: o sistema de crenças, os padrões de organização e as formas de comunicação familiar. A autora deixa evidente que o nível de análise difere dos trabalhos centrados

na resiliência individual, pois, quando se trata de resiliência em família, deixa de ser considerada uma característica pessoal que sofre a influência da família, e passa a ser conceituada como uma qualidade sistêmica das mesmas (Hawley & DeHann, 1996). Nesse sentido, refere-se a “processos de adaptação e *coping* do grupo enquanto unidade funcional” (Walsh, 1998, p.14). Vale ressaltar que esses processos devem ser analisados na perspectiva ecológica, ou seja, deve-se levar em conta todas as esferas de influência presentes ao longo do ciclo de vida das pessoas. No cenário familiar, isso significa conceber a família como contexto de desenvolvimento e compreender as relações interpessoais como parte de um sistema mais complexo e sujeito a influências sociais, culturais e históricas. Sendo assim, além da família, o grupo de amigos, a escola, o local de trabalho, as instituições governamentais e o sistema político e social são considerados importantes contextos de desenvolvimento a serem pesquisados (Bronfenbrenner, 1979, 1996).

Privilegiando essas idéias, Ceconello e Koller (2003) apresentaram a *inserção ecológica* como importante opção metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. As autoras ensinam que, por meio da imersão nos diferentes ambientes, compreendendo processos, pessoas e o tempo, os investigadores podem realizar observações naturalísticas, entrevistas e conversas informais que possibilitam a posterior análise da resiliência a partir deste modelo bioecológico de Bronfenbrenner e Morris (1998). A partir dessa visão do fenômeno da resiliência em famílias, vimos propor outras formas complementares de investigação qualitativas que venham a aperfeiçoar o “mergulho contextual” necessário para a compreensão de processos e funcionamento familiar num panorama ecológico e independente de estruturas e modelos sociais vigentes.

#### A Solução Metodológica: Associar Entrevista Reflexiva & Grounded-Theory

Acreditamos que as estratégias metodológicas devam facilitar o entendimento da complexidade dos fenômenos por meio de um olhar “descontaminado” (de instrumentos de medida, de teorias e estudos preexistentes) e uma atitude investigativa que analisa o que está por trás do que emerge como dado de pesquisa. No caso de estudos sobre a resiliência em famílias, o olhar do pesquisador deve desfocar o indivíduo e focar o grupo familiar/as relações e, conseqüentemente, deixar de priorizar as características individuais para estudar os processos. As estratégias a serem descritas a seguir surgiram em meio ao desafiador desejo de criar condições para que o fenômeno se revelasse a despeito de concepções teóricas preexistentes, bem como desenvolver um trabalho que, sobretudo, privilegiasse as interações e incorporasse as construções pessoais

dos participantes ao fenômeno em questão. A solução metodológica encontrada propõe a associação de um método de entrevistas dinâmico e interativo denominado *entrevista reflexiva* (Szymanski, 2001) a uma estratégia de análise de dados chamada *grounded-theory* (Glaser & Strauss, 1967). Não há uma tradução convencional para o termo *grounded-theory*. No idioma espanhol, há várias traduções, como, por exemplo, teoria fundamentada, fundamental ou básica (Rey, 1999). Na língua portuguesa, alguns autores usam a tradução Teoria Fundamentada nos Dados (Bouso, 1999), mas usualmente, prefere-se usar o termo original em inglês, o que faremos neste trabalho.

#### A Entrevista Reflexiva

A entrevista convencional é, geralmente, um momento de encontro entre pessoas que buscam informações a respeito de um determinado tema. Do ponto de vista metodológico, alguns autores diferenciam entrevistas *formativas* (não-diretivas, informais, histórias de vida) das entrevistas *de massa* (levantamentos de larga escala), as quais são categorizadas de acordo com a liberdade dada ao respondente para escolher o assunto e a maneira de discuti-lo (Madge, 1965). As entrevistas qualitativas “são geralmente muito pouco estruturadas, assemelhando-se mais a uma conversa do que a uma entrevista formal” (Alves, 1991, p. 60). Seja qual for o tipo de entrevista escolhida pelo investigador, encontrar-se-á certo grau de intencionalidade e interação social como aspectos essenciais do processo de organização e construção tanto das perguntas (no caso do entrevistador), como das narrativas (no caso do entrevistado). A entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para os protagonistas - entrevistador/es e entrevistado/s. Da mesma forma que quem entrevista tem/busca informações, quem é entrevistado também está processando um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o interlocutor e organizando suas respostas para aquela situação. Quem pesquisa tem uma intencionalidade, que vai além da mera busca de informações: pretende criar uma situação de confiança para que o entrevistado se torne mais receptivo, pretende passar uma imagem de credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para sua pesquisa. A concordância em participar como *informante*, de uma pesquisa, já é indicador de uma intencionalidade por parte do entrevistado – pelo menos a de ser ouvido, acreditado e considerado, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação enquanto desenvolvimento de modos de influenciar o/a interlocutor/a. (Szymanski, 2001).

A proposta da entrevista reflexiva supõe que a entrevista é um encontro interpessoal que inclui a subjetividade

dos protagonistas que, juntos, vão construir um novo conhecimento através do encontro de seus mundos sociais e culturais, numa condição de horizontalidade e equilíbrio das relações de poder. A reflexividade tem “o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade” (Szymanski, 2001, p. 197). Nos procedimentos da entrevista reflexiva são previstos pelo menos dois encontros para que uma relação reflexiva seja construída. Nessa interação podem-se suscitar informações objetivas e subjetivas bem como conduzir um diálogo para que o tema em questão possa ser aprofundado.

Essa estratégia metodológica reflexiva foi aplicada num estudo sobre resiliência em famílias que vivem as adversidades da pobreza (Yunes, 2001). Mais do que uma entrevista, as famílias foram solicitadas a fazer um relato sobre suas histórias de vida. Isso possibilitou a obtenção de muitas informações, que permitiram a compreensão da construção do sentido das experiências de adversidades através da análise da linguagem, do movimento do discurso, da história e da interpretação das narrativas. O primeiro encontro com as famílias resumiu-se à exposição dos objetivos da pesquisa de maneira clara, sucinta e compreensível, e o convite para que a família relatasse sua história de vida. O segundo encontro foi agendado após a transcrição e a elaboração de uma pré-análise dos dados obtidos na primeira entrevista, os quais foram colocados à disposição dos entrevistados, que puderam concordar, discordar ou acrescentar novos dados.

Observamos que nessa modalidade reflexiva o primeiro momento da pesquisa (o encontro inicial) pode propiciar uma estruturação de idéias, que pode ser modificada diante da exposição organizada do momento seguinte (o segundo encontro). Essa consideração mostra o dinamismo das informações que obtemos em nossas pesquisas e aponta para o cuidado de não apresentá-las como algo definitivo, mas como possibilidades de transformações (Szymanski, 2001).

#### A Grounded-Theory

Durante a etapa de pré-análise ou da análise propriamente dita das entrevistas com as famílias, tivemos de optar por diferentes formas ou procedimentos de interpretação para chegar às categorias. A grounded-theory é um método de análise de dados, particularmente sensível a contextos, que permite a compreensão do sentido de determinadas situações, o que parecia ir ao encontro dos objetivos da referida pesquisa. A grounded-theory é definida como a teoria indutivamente derivada do estudo do fenômeno que ela representa. Dessa forma, a teoria é descoberta, desenvolvida e verificada através da coleta e análise de dados referentes ao fenômeno propriamente dito (Strauss & Corbin, 1990). Nesse sentido, *os conceitos teóricos emergem dos dados e não são impostos a eles*. A proposta desta forma de análise é construir uma teoria confiável que seja capaz de iluminar a área de estudo. Os procedimentos da grounded-theory foram elaborados de maneira que se façam cumprir os rigores dos critérios do método científico, e, por isso, devem ser seguidos passo a passo. A seguir, apresentamos de maneira sucinta um roteiro das etapas que devem ser seguidas no decorrer da análise dos dados:

1) Após a coleta dos dados qualitativos, o primeiro momento do processo de análise, segundo a grounded-theory, é o de “interação com os dados” propriamente ditos, de maneira a favorecer um verdadeiro mergulho no corpo de dados obtidos.

2) O passo seguinte compõe o processo de “codificação”, em que os dados são examinados cuidadosamente. No caso de termos, por exemplo, as histórias de vida de famílias, vamos examinar as transcrições, linha por linha, e extrair as propriedades e dimensões da experiência dos entrevistados para chegar aos códigos, como no exemplo abaixo. Suponhamos que exista a seguinte fala de uma mãe durante uma entrevista de família que está sendo codificada:

Este processo é denominado por Strauss & Corbin (1990) de “codificação aberta”, definido como “o processo de desmembramento, exame, comparações, conceitualizações e categorização dos dados”. Durante

<p>Trecho de uma entrevista  “Eu estou <i>sempre mostrando prá</i>  <i>gurias, trabalharem, estudarem,</i>  <i>serem honestas, não passar a perna</i>  <i>em ninguém, sério, falando sempre</i>  <i>a verdade, que vocês vão chegar mais</i>  <i>além de onde a gente está agora.”</i>  (Dona J.)</p>	<p>Código  Sempre mostrando o trabalho  Mostrando o estudo  Mostrando a honestidade  Não pode passar a perna em ninguém  Falar sempre sério e a verdade  Chegar mais além de onde se está</p>
---	---

Figura 1. Codificação aberta das falas de uma entrevista

esse processo, o pesquisador deve ir formulando várias questões para si mesmo, no que se refere ao fenômeno que está sendo examinado. Exemplos: “Como a família se refere ao trabalho, estudo, honestidade, etc.? A que situações estes assuntos se vinculam?” O pesquisador deve buscar as respostas em outros momentos da entrevista, para identificar as propriedades e dimensões dos códigos, o que o auxiliará na descoberta das categorias. “Fazer comparações” é o que dará aos conceitos da grounded-theory sua precisão e especificidade, e permitirá que, pelo processo de comparação, os códigos possam ser agrupados um a um por suas similaridades e diferenças conceituais para formar as categorias.

3) As categorias devem ser nomeadas de forma abstrata e de maneira a apresentar uma “força conceitual”, ou seja, ser representativa de grupos de conceitos ou subcategorias, e não apenas representar um assunto. O pesquisador é quem vai escolher o nome das categorias, e o mais importante nessa escolha é “*ser capaz de lembrá-la, pensar sobre ela, e acima de tudo, começar a desenvolvê-la analiticamente*” (Strauss & Corbin, 1990).

“Nomear as categorias” é considerada uma das etapas mais difíceis desse trabalho, e as denominações de algumas podem sofrer várias modificações no decorrer da análise, até que se ache que elas realmente representam o significado dos códigos que agrupam. No exemplo acima, a categoria (ou subcategoria, conforme a análise) parece encaixar-se em algo como *Transmissão de regras de conduta/ valores morais da família*, o que será desenvolvido, explorado, comparado e relacionado às outras categorias e subcategorias de análise para confirmação da validade do conceito enquanto categoria.

O exercício de perguntar-se e fazer comparações no processo de interação com os dados auxilia a buscar elementos para densificar as categorias até se chegar à saturação teórica. Por exemplo, quando a família fala sobre educação, o pesquisador deve perguntar-se: “O que exatamente esta família espera da educação?”; “O que é que eles querem receber?”, o que pode ajudar a identificar e desenvolver as categorias e descobrir suas propriedades e dimensões, bem como estabelecer relações entre as categorias e as subcategorias.

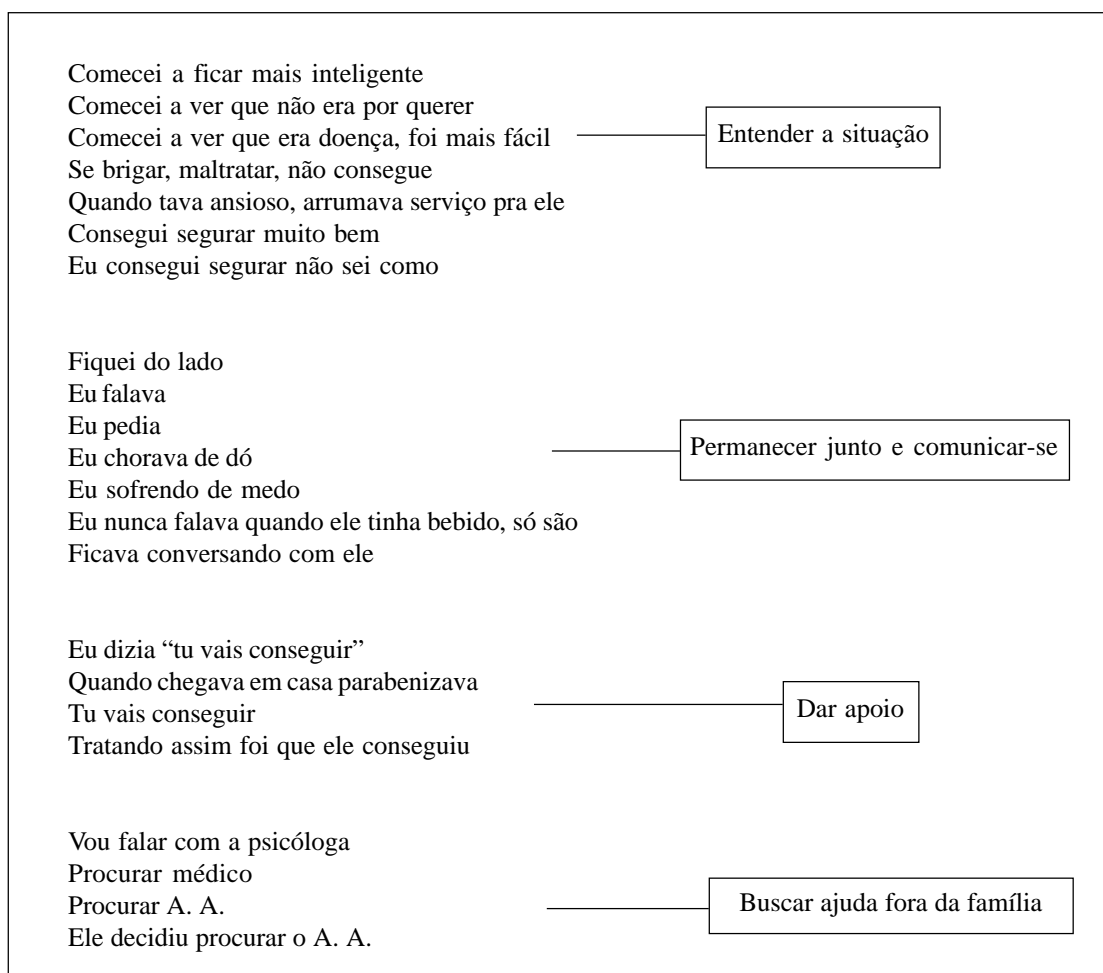


Figura 2. Dar o sentido à crise nas falas do parceiro não alcoólatra

4) Durante todo o processo de codificação e nomeação de categorias e subcategorias, o pesquisador deve “fazer anotações” (*code notes*) a partir de *insights* e idéias que surgem a respeito dos códigos, categorias e relações entre as categorias. Esse é um procedimento recomendado por Strauss & Corbin (1990) que pode auxiliar bastante na organização dos dados. Por exemplo: “acho que esta família supervaloriza trabalho e educação, pela ênfase dada a estes assuntos durante a entrevista. Não será esta, uma forma que eles encontraram de fugir do estigma da pobreza, onde pobre não trabalha, não estuda e não é honesto? (anotação em 8 de março de 2000)” A partir destas reflexões, buscam-se nos discursos, relações que podem existir ou não com as indagações do pesquisador.

5) Segundo Strauss & Corbin (1990), o próximo passo da análise é denominado “codificação axial”, definida como “um conjunto de procedimentos onde os dados são agrupados de novas formas, após a codificação aberta, através das conexões entre as categorias. Isso é feito através do uso de um paradigma de codificação que envolve condições, contexto, estratégias de ação/interação e consequências” (p. 96). O foco é dirigido para uma determinada categoria ou fenômeno, cuja análise é feita nos moldes descritos anteriormente para dar precisão à categoria e possibilitar o estabelecimento de relações, de onde derivam as subcategorias. Por exemplo, na análise do relato de história de vida de uma das famílias, num certo momento foi abordada a vivência de uma situação de crise do casal, cujo tema era alcoolismo. A análise do relato da família mostrou que a categoria mais representativa do discurso desse episódio era a *Busca de sentido para a situação de crise*, com as seguintes subcategorias no relato do parceiro não-alcoólatra: *entender a situação, permanecer junto, dar apoio e buscar ajuda fora da família* (Figura 1).

6) Durante o processo de codificação, o pesquisador pode alternar entre codificação aberta e axial. Podemos dizer que esta etapa é a de “ligar e desenvolver as categorias”, que devem ser constantemente verificadas pelos dados que as compõem, e que muitas vezes podem ser reor-

ganizadas. Podemos dizer que trabalhar com grounded-theory exige do pesquisador uma grande flexibilidade de pensamento e uma disposição para o movimento de sair e voltar aos dados todo o tempo.

7) Para facilitar a visualização das conexões, pode-se elaborar figuras ilustrativas do processo de codificação, auxiliando, desse modo, o entendimento do leitor e tornando a descrição do processo de codificação menos abstrata. A figura 2 mostra a análise correspondente ao exemplo citado acima sobre a categoria *Busca de sentido para a situação de crise*.

8) A parte final da análise consiste em buscar o fenômeno central, ou seja, aquele que estabelecerá o elo entre as categorias. A tarefa, nesta etapa, é integrar todas as categorias para formar a teoria fundamentada nos próprios dados. É um nível mais abstrato de análise do que a codificação axial. Strauss & Corbin (1990) denominam essa etapa de “elaboração da história”, que consiste numa narrativa descritiva sobre o fenômeno central do estudo, o que se torna bastante difícil, pois requer habilidade de fazer diversos recortes e selecionar o que realmente importa no desenvolvimento do modelo teórico representativo do fenômeno pesquisado. Descobrir a categoria central, definida por Strauss & Corbin (1990) como o fenômeno central, ao redor do qual todas as outras categorias se integram, significa sintetizar toda a história construída a partir dos dados obtidos e ser capaz de explicar diferenças e semelhanças encontradas nas experiências.

As etapas e a descrição dos procedimentos de análise mencionados possibilitam que o pesquisador desenvolva o que Strauss & Corbin (1990) chamam de *boa ciência*. No que se refere à resiliência em famílias, o desenvolvimento de conceitos e categorias a partir dos próprios dados pode contribuir com hipóteses e relações não identificadas por estudos anteriores, oportunizando, assim, que novas dimensões e propriedades relativas a esse construto psicológico possam ser consideradas e comparadas com as teorias já existentes. A criatividade e a sensibilidade do pesquisador são elementos muito importantes

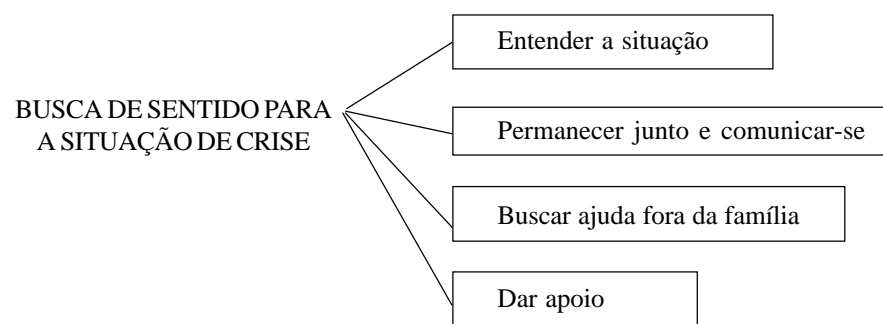


Figura 3. A categoria e sua relação com as subcategorias

nesse processo. Recomendamos ao leitor interessado uma cuidadosa leitura das obras básicas sobre o assunto.

### Considerações Finais

Num primeiro momento, tivemos como proposta refletir criticamente sobre estudos quantitativos que contribuem para uma visão predominante de resiliência com enfoque em características, atributos e variações individuais. Tal abordagem metodológica da questão deve ser considerada com muita cautela, pois pode levar a supor que o indivíduo deve possuir “algo interno” para ser considerado resiliente, e, caso não o tenha, poderá ser classificado como *não-resiliente*, o que pode vir a ser problemático na construção de sua identidade (Yunes, 2003; Yunes & Szymansky, 2001). Focalizar a questão da resiliência na perspectiva individual dificulta o estudo do próprio conceito, bem como a sua utilização em programas públicos de intervenção. Em contrapartida, estudar a resiliência em famílias significa propor uma compreensão global da questão numa visão sistêmica, relacional, ecológica e de desenvolvimento. Para tanto, e para enfatizar o aspecto dinâmico e multifacetado de um fenômeno em fase inicial de investigação no Brasil, a busca de soluções metodológicas motivou a busca de novos paradigmas de investigação, dentre os quais destacamos a inserção ecológica de Ceconello e Koller (2003) como importante contribuição. A associação entre uma estratégia qualitativa de coleta de dados - a entrevista reflexiva - e uma metodologia de análise - a “*grounded-theory*” - vem se mostrando apropriada em nossos estudos sobre resiliência por possibilitar a emergência do fenômeno independente de uma ou outra teoria preexistente. Dessa forma, tem sido possível desenvolver um trabalho que privilegie a riqueza do universo de significados, sistemas de crenças, valores, atitudes, padrões de interação e processos. Sendo assim, o caráter contingente, provisório e imprevisível da resiliência não é desprezado por essa associação metodológica. Conforme afirmam Luthar, Cicchetti e Becker (2000), a variabilidade dos métodos é essencial para expandir a compreensão de qualquer construto científico, pois nenhum método apresenta mais verdade do que outro. De fato, há importantes lições a serem aprendidas nos contrastes dos achados de diferentes pesquisadores.

### Referências

- Alves, A. J. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 77, 53-61.
- Antonovski, A., & Sourani, T. (1988). Family sense of coherence and family sense of adaptation. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 79-92.
- Bouso, R. S. (1999). *Buscando preservar a integridade da unidade familiar: A família vivendo a experiência de ter um filho na UTI pediátrica*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. In R. M. Lerner (Org.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (5ª ed., pp. 993-1028). New York: John Wiley & Sons.
- Ceconello, A. M. (2002). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Ceconello, A., & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 515-524.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory*. New York: Aldine.
- Grotberg, E. (1995). *A guide to promoting resilience in children: Strengthening the human spirit*. The Hague: The Bernard van Leer Foundation.
- Hawley, D. R., & DeHann, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life span and family perspectives. *Family Process*, 35, 283-298.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71, 543-562.
- Madge, J. (1965). *The tools of social science*. Garden City: Anchor.
- Martineau, S. (1999). *Rewriting resilience: A critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to “kids at risk”*. Tese de Doutorado não-publicada, The University of British Columbia, British Columbia, Canadá.
- Martineau, S. (2000). The risky business of translating resiliency research into advocacy practice. *Focus on Children and Youth, Spring*, 9-12.
- Massimi, M. A. (1998). História das idéias psicológicas: Uma viagem no tempo rumo aos novos mundos. *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*, 1, 11-30.
- Masten, A. S., & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In B. B. Lahey, & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (Vol. 8, pp. 1-52). New York: Plenum Press.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 53, 205-220.
- McCubbin, H. I., & McCubbin, M. A. (1988). Typologies of resilient families: Emerging roles of social class and ethnicity. *Family Relations*, 37, 247-254.
- Rey, F. G. (1999). *La investigación cualitativa en psicología: Rumos y desafíos*. São Paulo: Educ.
- Reynolds, A. J. (1988). Resilience among black urban youth: Prevalence, intervention effects and mechanisms of influence. *American Journal of Orthopsychiatry*, 68, 84-100.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598-611.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 316-331.

- Rutter, M. (1993). Resilience: Some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health, 14*, 626-631.
- Silva Jr., J. F. (1972). *Resistência dos materiais*. São Paulo: Ao Livro Técnico.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. London: Sage.
- Szymanski, H. (2001). A entrevista reflexiva. *Revista Psicologia da Educação, 10/11*, 193-215.
- Tavares, J., & Albuquerque, A. M. (1998). Sentidos e implicações da resiliência na formação. *Psicologia, Educação e Cultura, 2*, 143-153.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process, 35*, 261-281.
- Walsh, F. (1998). *Strengthening family resilience*. London: The Guilford Press.
- Werner E. E., & Smith R. S. (1982). *Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth*. New York: McGraw-Hill.
- Werner E. E., & Smith R. S. (1992). *Overcoming the odds: High-risk children from birth to adulthood*. London: Cornell University Press.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controversada da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de Doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo, 8*, 75-84.
- Yunes, M. A. M., & Szymansky, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 13-42). São Paulo: Cortez.
- Zimmerman, M. A., & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development, 8*, 1-18.

Received 22/11/2004  
Accepted 24/05/2005